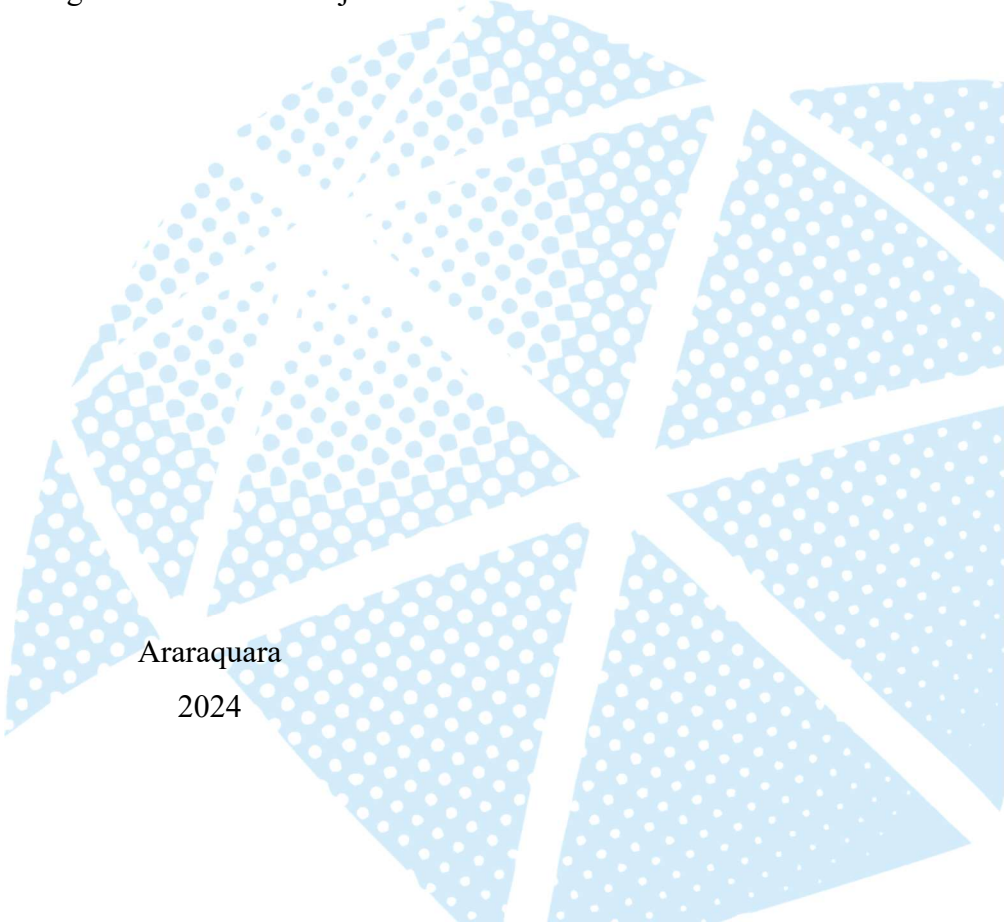


UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA - UNESP
Faculdade de Ciência e Letras - Campus de Araraquara

LETÍCIA BRAGA ROSSI

CONFLITOS IDEOLÓGICOS EM VEÍCULOS DE MÍDIA:
uma análise dialógica dos atos de 8 de janeiro em notícias

Araraquara
2024



LETÍCIA BRAGA ROSSI

CONFLITOS IDEOLÓGICOS EM VEÍCULOS DE MÍDIA:

uma análise dialógica dos atos de 8 de janeiro em notícias

Trabalho de conclusão de curso
apresentado à Universidade Estadual
Paulista (UNESP), Faculdade de Ciência
e Letras, Araraquara, para obtenção do
título de Bacharela em Letras.

Orientador(a): Profa. Dra. Marina Célia
Mendonça

Araraquara

2024

R832c	Rossi, Letícia Braga CONFLITOS IDEOLÓGICOS EM VEÍCULOS DE MÍDIA : uma análise dialógica dos atos de 8 de janeiro em notícias / Letícia Braga Rossi. -- Araraquara, 2024 36 p. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado - Letras) – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara Orientadora: Marina Célia Mendonça 1. Análise dialógica do discurso. 2. Conflitos ideológicos. 3. Mídias digitais. 4. Atos de 08 de janeiro. I. Título.
-------	--

LETÍCIA BRAGA ROSSI

CONFLITOS IDEOLÓGICOS EM VEÍCULOS DE MÍDIA:

uma análise dialógica dos atos de 8 de janeiro em notícias

Trabalho de conclusão de curso (TCC) apresentado à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, para obtenção do título de Grau acadêmico Bacharel(a) em Letras

Data da defesa: 12/12/2024

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Marina Célia Mendonça
UNESP – Faculdade de Ciências e Letras - Campus de Araraquara

Prof. Dr. Heloisa Mara Mendes
Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

Prof. Dr. Luiza Bedê Barbosa
Universidade de São Paulo (USP)

RESUMO

No cenário das eleições ocorridas em 2022, houve a disseminação de desinformação sobre a confiabilidade das urnas eletrônicas, cujo resultado, elegendo Luiz Inácio Lula da Silva como presidente, não foi aceito por muitos apoiadores, culminando em atos de depredação em Brasília em 08 de janeiro de 2023. O trabalho tem como objetivo principal analisar como a mídia nacional cobriu esses eventos, refletindo e refratando valores sociais e ideológicos através de uma perspectiva dialógica do discurso. O corpus é composto por notícias de veículos de comunicação e jornais, considerando a diversidade do viés político-ideológico de cada um. São eles: Brasil Paralelo, Jovem Pan, O Antagonista, O Estado de São Paulo, Folha de S. Paulo e CartaCapital. A abordagem utilizada para a realização do presente trabalho se insere na Análise Dialógica do Discurso e os conceitos de gênero de discurso, signo ideológico, enunciado concreto e linguagem dialógica através do contexto histórico-social são centrais, tomando como base os estudos do Círculo de Bakhtin, com enfoque em Bakhtin (2011) e Volóchinov (2021). Assim, este trabalho se justifica pela relevância da temática da influência da mídia na vida social na singular situação vivida pela sociedade brasileira, que convive com narrativas conspiratórias e falsas acerca do universo político, as quais são reproduzidas através de veículos de mídias.

Palavras-chave: análise dialógica do discurso; conflitos ideológicos; mídias digitais; atos de 08 de janeiro.

RÉSUMÉ

Dans le contexte des élections de 2022, il y a une diffusion de désinformation concernant la fiabilité des urnes électroniques. Le résultat, qui a élu Luiz Inácio Lula da Silva comme président, n'a pas été accepté par de nombreux partisans, ce qui a culminé en des actes de vandalisme à Brasilia le 8 janvier 2023. Le principal objectif de ce travail est d'analyser la couverture de ces événements par les médias nationaux, en reflétant et réfractant des valeurs sociales et idéologiques à travers une perspective dialogique du discours. Le corpus est composé d'articles de médias et de journaux, en tenant compte de la diversité des biais politico-idéologiques de chacun, à savoir: Brasil Paralelo, Jovem Pan, O Antagonista, O Estado de São Paulo, Folha de S. Paulo et CartaCapital. L'approche utilisée pour ce travail relève de l'Analyse Dialogique du Discours, et les concepts de genre de discours, signe idéologique, énoncé concret et langage dialogique à travers le contexte socio-historique sont centraux, en se basant sur les études du Cercle de Bakhtine, notamment Bakhtine (2011) et Volochinov (2021). Ce travail se justifie ainsi par la pertinence du sujet concernant l'influence des médias dans la vie sociale dans la situation singulière vécue par la société brésilienne, qui cohabite avec des récits conspirationnistes et faux sur l'univers politique, souvent reproduits par divers véhicules de médias.

Mot-clé: analyse dialogique du discours; conflits idéologiques; médias numériques; actes du 8 janvier.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Brasil Paralelo	28
Figura 2 – Jovem Pan	30
Figura 3 – O Antagonista	31
Figura 4 – O Antagonista (notícia com alteração)	32
Figura 5 – A Folha de S. Paulo	33
Figura 6 – O Estado de São Paulo	34
Figura 7 – CartaCapital	35

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	11
2.1 O enunciado e os gêneros do discurso.....	11
2.1.1 O gênero notícia	16
2.2 Signo ideológico e ideologia	17
3 GUERRA CULTURAL E O BOLSONARISMO	23
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO.....	28
5 CONCLUSÕES.....	37
REFERÊNCIAS	39

1 INTRODUÇÃO

Na última década, pôde-se observar a ascensão de movimentos de direita e extrema direita no Brasil. Apesar desses movimentos serem mais notáveis a partir das manifestações ocorridas em 2013 contra a alta na tarifa dos ônibus e metrô, a organização deles começou alguns anos mais cedo. Segundo João Cezar de Castro Rocha (2021), a movimentação dos grupos de direita tem Olavo de Carvalho como figura central e através de seu sistema de crenças, houve notável fortalecimento da juventude de direita no país e a disseminação da retórica do ódio, movimento essencial para a desqualificação de adversários políticos e figuras consideradas inimigas, que devem ser eliminadas. Olavo de Carvalho é o eixo condutor que auxilia na eleição de Jair Messias Bolsonaro mediante a retórica do ódio e o seu *sistema de crenças*.

O sistema do guru inclui, entre outros, o revisionismo da memória da ditadura militar e a narrativa conspiratória em que o *comunismo* é uma ameaça permanente. Dessa forma, nessa guerra cultural que se dá no país, o inimigo é uma figura estereotipada, identificada como *de esquerda* e *petista*, como sinônimo de *comunista*. Essa concepção de incessante busca pelo inimigo e a constante incitação das massas através da retórica do ódio, para Rocha (2021), culmina em caos social no país.

Nesse cenário de polarização política, narrativas conspiratórias e tensões ideológicas, houve disseminação de desinformação e notícias falsas por parte de apoiadores de Jair Bolsonaro, presidente do Brasil de 2019 a 2022, a respeito do processo eleitoral e a confiabilidade das urnas nas eleições presidenciais de outubro de 2022, em que ele era candidato que tentava a reeleição. Essas ações tiveram o apoio de algumas mídias, que propagavam as dúvidas sobre a segurança das urnas e a validade da eleição.

Assim, por consequência, o resultado das eleições de 2022, que elegeu para Presidência da República Luis Inácio Lula da Silva, não foi aceito por parte do eleitorado do até então presidente, Jair Bolsonaro. Os insatisfeitos, então, realizaram atos no dia 08 de janeiro de 2023, em Brasília, com depredações ao patrimônio público no Palácio do Planalto e no Congresso Nacional como forma de retaliação e tentativa de intervenção das forças armadas no governo.

Vários jornais e veículos de comunicação realizaram a cobertura desses atos de depredação ocorridos em Brasília. Tendo em vista essa cobertura jornalística, que manifesta os valores sociais de cada veículo nesse contexto de polarização, o interesse desta pesquisa se volta para notícias e reportagens de veículos de comunicação nacionais,

no intuito de investigar como os conflitos e valores sociais acerca de atos ocorridos em 08 de janeiro de 2023 em Brasília se manifestaram no campo midiático através dos signos ideológicos, a partir de uma perspectiva dialógica do discurso. Volóchinov (2021, p.113) afirma que “[...] em todo signo ideológico cruzam-se ênfases multidirecionadas. O signo transforma-se no palco de luta de classes”.

O presente trabalho teve como objetivo geral identificar e discutir em notícias de veículos midiáticos brasileiros valores acerca de atos ocorridos em 08 de janeiro de 2023, a partir dos estudos realizados pelo Círculo de Bakhtin. Os objetivos específicos propostos foram: 1. Identificar valores acerca dos atos e dos sujeitos participantes desses atos; 2. Observar as notícias como enunciados concretos que se manifestam como multimodais (a linguagem verbal acompanhada de fotos, hiperlinks e vídeos.).

Para as reflexões propostas pela pesquisa, inserida na Análise Dialógica do Discurso, são centrais não somente o conceito de signo ideológico, mas também os de gênero de discurso, enunciado concreto e diálogo, tomando como base os estudos de Bakhtin (2011), Volóchinov (2021) e seus comentadores, entre eles Fiorin (2006) e Miotello (2005).

Nesta pesquisa, foram analisadas notícias de veículos de comunicação brasileiros que foram publicados a partir dos atos de 08 de janeiro de 2023. O corpus é composto por seis veículos de comunicação, considerando a diversidade do viés político-ideológico de suas publicações.

As notícias selecionadas foram: “Caos em Brasília: invasão e vandalismo nos prédios dos três poderes”, do Brasil Paralelo, publicada no dia 09 de janeiro de 2023; “Manifestantes furam bloqueio e invadem Congresso, STF e Palácio do Planalto; veja vídeo”, da Jovem Pan, publicada no dia 08 de janeiro de 2023; “Urgente: Manifestantes invadem Congresso Nacional”, de O Antagonista, publicada no dia 08 de janeiro de 2023; “Golpistas invadem Congresso, STF e Palácio do Planalto; governo Lula intervém na segurança do DF.” de O Estado de São Paulo, publicada no dia 08 de janeiro de 2023; “Golpistas invadem o Planalto, Congresso e STF; PM reage com bombas.” da Folha de S. Paulo, publicada no dia 08 de janeiro de 2023; e “Terroristas bolsonaristas podem ser denunciados por crime de golpe de estado; entenda.” da CartaCapital, publicada no dia 10 de janeiro de 2023. Desse modo, os veículos selecionados, por hipótese, têm posições ideológicas diferentes: os três primeiros são veículos de direita ou extrema direita; no quarto e no quinto veículo, temos mídias com orientação de “centro”; o último veículo,

por sua vez, localiza-se mais à esquerda no âmbito político-ideológico. Essa diversidade é adequada para a pesquisa tendo em vista o seu objetivo, que é discutir valores sobre os atos de 08 de janeiro de 2023 presentes nas mídias.

Essas notícias foram analisadas tendo em vista sua materialização multimodal – acompanhados de fotos, vídeos e *hiperlinks*. Nesse sentido, a noção de enunciado como um todo de sentido, tal como o entendem os autores do Círculo de Bakhtin, é um aspecto fundamental para a pesquisa (Mendonça, 2022).

A abordagem utilizada se insere na Análise Dialógica do Discurso e os conceitos de gênero de discurso, signo ideológico, enunciado concreto e linguagem dialógica através do contexto histórico-social são centrais, tomando como base os estudos do Círculo de Bakhtin, especificamente Bakhtin (2011) e Volóchinov (2019; 2021). Outro procedimento metodológico a ser adotado nas análises dialógicas é o cotejamento de textos, ou seja: colocar os enunciados do corpus em relação entre si e com aqueles com que estabelecem diálogo. Assim, é dando um novo contexto ao enunciado que ele ganha novos sentidos, no processo interpretativo e analítico do cotejamento (Bakhtin, 2011; Geraldi, 2012).

A pesquisa está estruturada a partir da introdução; em seguida, a fundamentação teórica em que a análise se ampara; logo após, um capítulo que contextualiza a guerra cultural e o bolsonarismo no Brasil, para compreender a situação sócio-histórica em que os atos do dia 08 de janeiro estão inseridos. Por fim, foi realizada a análise das notícias selecionadas para compor o corpus, através dos conceitos dialógicos que são caros ao trabalho, além das conclusões obtidas através dos resultados encontrados na análise

Em resumo, este trabalho se justifica pela relevância da temática da influência da mídia na vida social na singular situação vivida pela sociedade brasileira, que convive com narrativas conspiratórias e falsas acerca do universo político, as quais são produzidas por sujeitos formadores de opinião (como políticos, jornalistas, influenciadores digitais, entre outros) e por mídias específicas. Além disso, o trabalho se justifica pelo objetivo do desenvolvimento sustentável 04 (ODS), da Agenda 2030 da ONU (Organização das Nações Unidas), centrado em questões acerca da educação de qualidade inclusiva e crítica, a qual não é possível sem o desenvolvimento de habilidade relativas à leitura/interpretação de textos de mídia.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 O enunciado e os gêneros do discurso

Mikhail Bakhtin, no subcapítulo *O enunciado como unidade da comunicação discursiva*, para abordar a diferença entre essa unidade e as unidades da língua (palavras e orações), retoma a linguística do século XIX a partir dos autores Humboldt, Vossler e Saussure, para refletir a respeito de uma nova concepção da função comunicativa da linguagem, com base nas relações estabelecidas pelo falante e pelo ouvinte. Bakhtin considera que a língua é compreendida como a necessidade do homem de se expressar e se comunicar. Para entender o processo da comunicação discursiva, é preciso estabelecer que, o ouvinte, ao compreender o significado do discurso do falante, passa por um processo responsivo de concordar ou não concordar com o enunciado (parcialmente ou totalmente), de forma que o completa ou o reelabora: “Toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva (embora o grau desse ativismo seja bastante diverso); toda compreensão é prenhe de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante.” (Bakhtin, 2011, p. 271)

A ação responsiva do ouvinte nem sempre é realizada através de voz alta. A compreensão do enunciado pode ser feita conscientemente e através dela, surge uma ação; uma ordem militar, por exemplo. O autor ainda estabelece o conceito de “compreensão responsiva de efeito retardado”: o que foi ouvido, e depois de certo tempo, compreendido, resulta nos discursos e comportamentos do ouvinte. Em suma, Bakhtin considera que o falante não espera um comportamento passivo acerca de seus enunciados, mas uma ação a partir deles, uma concordância ou uma objeção, por exemplo.

Tendo em vista que todo enunciado gera uma ação responsiva, é possível afirmar que todo discurso de um falante considera enunciados previamente ouvidos e compreendidos. Toda enunciação parte da reelaboração e compreensão de outros enunciados antecedentes.

Ademais, todo falante é por si mesmo um respondente em maior ou menor grau: porque ele não é o primeiro falante, o primeiro a ter violado o eterno silêncio do universo, e pressupõe não só a existência do sistema da língua que usa mas também de alguns enunciados antecedentes dos seus e alheios com os quais o seu enunciado entra nessas ou naquelas relações (baseia-se neles, polemiza com eles, simplesmente os pressupõe já conhecidos do ouvinte).

Cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados. (Bakhtin, 2011, p. 272)

Nesse sentido, o autor estabelece que o enunciado é a real unidade da comunicação discursiva, já que os discursos só existem a partir na forma de “enunciações concretas de determinados falantes, sujeitos do discurso.” (Bakhtin, 2011, p. 274). O discurso está diretamente ligado ao enunciado e sujeitos do discurso, ele não existe fora dessa forma. Os limites de todo enunciado e diálogo são estabelecidos a partir da alternância dos sujeitos do discurso, sempre com início e término. Antes do início, o que temos são enunciados de outros; depois do término, temos os enunciados responsivos que foram reelaborados.

O enunciado não é uma unidade convencional, mas uma unidade real, precisamente delimitada da alternância dos sujeitos do discurso a qual termina com a transmissão da palavra ao outro, por mais silencioso que seja o “dixi” percebido pelos ouvintes [como sinal] de que o falante terminou. (Bakhtin, 2011, p. 275)

Essa relação de alternância dos sujeitos do discurso pode ser observada de diferentes formas, a depender do gênero discursivo analisado. No diálogo, gênero primário e forma clássica de comunicação discursiva, as enunciações alternam entre os interlocutores, denominadas *réplicas*, pelo autor. Cada réplica possui conclusibilidade e explicita a posição que o falante tem em relação a sua ação responsiva. As relações entre enunciações que tem por base réplicas, só são possíveis com diferentes sujeitos do discurso, e segundo Bakhtin (2011, p. 276) “[...] pressupõem *outros*.”. Já nos gêneros secundários do discurso, com enfoque nos retóricos, como notícias ou textos científicos, quem escreve precisa se ater ao texto e dessa forma, coloca questões e as responde ou faz objeções no texto e precisa refutar a si mesmo.

Essa representação caracteriza os gêneros retóricos (lato sensu, incluindo algumas modalidades de popularizações científicas), contudo todos os outros gêneros secundários (artísticos e científicos) se valem de diferentes formas de introdução, na construção do enunciado, dos gêneros de discurso primários e relações entre eles (note-se que aqui eles sofrem transformações de diferentes graus, uma vez que não há uma alternância real de sujeitos do discurso). É essa a natureza dos gêneros secundários. (Bakhtin, 2011, p. 276).

Bakhtin (2011) considera que o enunciado possui uma conclusibilidade específica, quando se percebe o fim do enunciado do que o falante disse ou escreveu. É possível considerar, então, que essa conclusibilidade está inserida em categorias que

permitem essa percepção. Para o autor, o primeiro e mais importante critério é a possibilidade de responder ao fim de um enunciado, o que chamamos de posição responsiva. Por consequência, a escolha responsiva do discurso do falante é realizada através da escolha de um gênero do discurso, já que, parafraseando Bakhtin, todos os gêneros são formas relativamente estáveis de nossos enunciados, que geram formas típicas de construção. No caso de discursos orais e escritos, por exemplo, nos comunicamos através de formas de gêneros já estabilizadas e padronizadas. “Em termos práticos, nós os empregamos de forma segura e habilidosa, mas em termos teóricos, podemos desconhecer inteiramente sua existência.” (Bakhtin, 2011, p. 282).

Esses gêneros discursivos são assimilados por nós através, justamente, de enunciados típicos que assimilamos ao longo de experiências com situações comunicativas. Ainda segundo o autor, aprendemos a moldar nosso discurso com essas situações e podemos assim, identificar o gênero de discursos alheios e regular nosso próprio discurso com essas interações. Os gêneros são diversos e moldados a partir da situação, participantes da comunicação, posição social e das relações pessoais entre os falantes, “[...] há formas elevadas, rigorosamente oficiais e respeitosas desses gêneros, paralelamente a formas familiares, e além disso de diversos graus de familiaridade, e formas íntimas (estas são diferentes das familiares).” (Bakhtin, 2011, 284).

Fiorin (2006) afirma que “os gêneros são tipos de textos que têm traços comuns.”, e por isso, adquirem caráter normativo. Os indivíduos interagem de diferentes formas em suas esferas sociais, sejam elas familiares, religiosas, políticas ou relações de amizade. Por esse motivo, considerando que essas esferas exigem a utilização da linguagem na forma de enunciados, estes se estabelecem perante o contexto posto por cada uma das esferas em que estão inseridos. “Os gêneros são, pois, tipos de enunciados relativamente estáveis, caracterizados por um conteúdo temático, uma construção composicional e um estilo. Falamos sempre por meio de gêneros no interior de uma dada esfera de atividade.” (Fiorin, 2006, p. 61). Portanto, é possível afirmar que os gêneros se estabelecem a partir das situações de comunicação da atividade humana, através de condições específicas que constituem um enunciado.

Essas condições, como explica Fiorin, consistem em três tipos: o conteúdo temático, a construção composicional e o ato estilístico. O conteúdo temático não se reduz ao assunto específico, mas ao todo de sentido que o gênero reflete. No caso de cartas de

amor, o conteúdo temático são as relações amorosas, mas cada carta pode tratar de um assunto específico (uma declaração de amor ou traição, por exemplo).

Já a construção composicional se ocupa com a estrutura do texto e como ele é organizado. Cada gênero é produzido e estruturado de uma determinada maneira que o identifica. Ainda utilizando o exemplo anterior, para escrever uma carta é necessário se ater a construção exigida por esse tipo de texto. É necessário ancorá-la em um tempo e espaço, além da identificação dos indivíduos inseridos na interlocução.

Por fim, o ato estilístico seleciona os meios linguísticos que serão utilizados dependendo da imagem do interlocutor e “de como se presume sua compreensão responsiva ativa do enunciado.” (Fiorin, 2006, p. 62). Para cada interlocutor, se exige uma postura linguística que deve ser assumida: um estilo oficial, que utiliza de formas respeitadas, em requerimentos; um estilo neutro e objetivo, no caso de pesquisas científicas; um estilo familiar em situações conversacionais que não se estabelece hierarquias, como conversas entre amigos.

Alguns gêneros podem apresentar características mais flexíveis e outros são mais estereotipados na forma de uso. Nos mais flexíveis, que Fiorin (2006) chama de “mais criativos”, estão, por exemplo, os produzidos perante a esfera familiar, mais íntima, ou na esfera literária. Quanto aos mais estereotipados, encontramos principalmente em textos da vida cotidiana, como saudações, e esferas da vida prática, como uma bula de remédio. Ainda assim, os gêneros estereotipados podem adquirir novo sentido, caso utilizados dentro de uma esfera diferente do habitual.

Cabe notar que mesmo nos gêneros mais estereotipados os enunciados podem adquirir um novo sentido, quando se lhes dá, por exemplo, uma nova entonação (ao repetir, ironicamente, um cumprimento, dá-se a ele um novo sentido) ou quando se os transfere para outra esfera de atividade (por exemplo, dizer “sim senhor, meu general” a um amigo que tenha o hábito de organizar tudo). (Fiorin, 2006, p. 74)

Fiorin explica que, o que importa para o estudo de gêneros é compreender como e por que os enunciados são construídos de determinada forma em cada gênero e quais elementos geram certos tipos de enunciados, dependendo da esfera em que estão inseridos. “O que é preciso é entender por que o enunciado do romance naturalista é assim construído, quais os elementos (condições específicas e finalidades) da esfera da atividade literária que levam ao surgimento desse tipo de enunciado.” (Fiorin, 2006, p. 63).

Retomando o fato expresso por Bakhtin, que considera os gêneros tipos relativamente estáveis de enunciados, Fiorin (2006) enfatiza o termo “relativamente” presente na afirmação do primeiro autor. Isso porque, quando discutimos os gêneros do discurso, é importante considerar sua historicidade no processo de construção dos enunciados. Uma notícia de jornal do século XX é substancialmente distinta de uma notícia de jornal atualmente. “Os gêneros estão em contínua mudança.” (Fiorin, 2006, p. 65).

Nesse sentido, os gêneros não apenas se modificam, como também desaparecem e surgem conforme as esferas de atividade se desenvolvem socialmente. Com o início da internet, temos o aparecimento de gêneros como o *blog* e o *e-mail*. Além disso, considerando o gênero notícia e reportagem, os meios de publicação destes também foram alterados com o aparecimento da internet, por exemplo. Podemos observar que as publicações não são realizadas apenas em jornais físicos, como também em canais de comunicação digitais.

Não só cada gênero está em incessante alteração; também está em contínua mudança seu repertório, pois, à medida que as esferas de atividade se desenvolvem e ficam mais complexas, gêneros desaparecem ou aparecem, gêneros diferenciam-se, gêneros ganham novo sentido. Com o aparecimento da internet, novos gêneros surgem: o *chat*, o *blog*, o *mail*, etc. A epopéia desaparece e dá lugar a novos gêneros. (Fiorin, 2006, p. 65)

Os gêneros, por um lado, possuem propriedades contínuas e comuns em conjuntos de textos, enquanto por outro lado, se modificam continuamente de acordo com as atividades humanas, não sendo isolado das esferas de ação, mas atuam em paralelo com estas. Portanto, se os gêneros do discurso mantêm relação estrita com as esferas de atividade humanas, isso significa que eles criam novas formas de percepção e alteração da realidade. “A aprendizagem dos modos sociais de fazer, leva, concomitantemente, ao aprendizado de modos sociais de dizer, os gêneros.” (Fiorin, 2006, p. 69).

Bakhtin (2011) divide os gêneros discursivos em dois tipos: primários e secundários. Os gêneros primários são os da vida cotidiana, predominantemente orais, além de pertencer ao contexto imediato do discurso. Fiorin utiliza como exemplo uma piada, uma conversa telefônica ou por *chat* e um bate-papo. No caso dos gêneros secundários, eles pertencem à esfera de atividades humanas mais elaboradas e por isso, são predominantemente escritos. Podemos utilizar como exemplo um romance, um artigo científico ou uma reportagem.

Dessa maneira, os gêneros secundários partem dos gêneros primários e os transforma conforme determinada esfera da comunicação exige. Fiorin (2006, p. 70) esclarece que essa transformação ocorre já que os gêneros secundários perdem o imediatismo presente nos gêneros primários e “sua vinculação com os enunciados concretos dos outros”. Assim, é possível afirmar que há uma interdependência entre os gêneros.

2.1.1 O gênero notícia

Retomando os conceitos a respeito de gêneros do discurso, o foco da pesquisa se volta para o gênero *notícia*. Nilson Lage (2017) aborda o conceito moderno de jornalismo em *A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística*. Os jornais no século XVII serviam, em geral, aos interesses da burguesia e eram utilizados como material de publicidade que mantinha a classe no poder. Após a Revolução Industrial, com o aumento do público leitor através da difusão da educação na Europa, os jornais passaram a ser utilizados como fonte de informação, notícias e reportagens, como conhecemos atualmente.

Os gêneros que compõem os jornais são frequentemente confundidos, como o caso de notícia e reportagem. Lage (2017) considera que há uma diferença sutil entre os dois gêneros: a reportagem não necessariamente é realizada a partir de fatos novos e imediatos e abarca o maior número de informações possíveis a respeito do tema para torná-la mais abrangente para um público mais ou menos heterogêneo, tudo depende do meio em que ela está inserida. Caso a reportagem seja publicada em um meio que possui um público amplo, a linguagem utilizada também vai diferir em relação a publicação de uma notícia em um meio de comunicação específico sobre o tema. Já a notícia trata de fatos imediatos que são relevantes e atuais, por isso, também são mais objetivas e afastadas da visão do jornalista sobre um acontecimento, ainda que possua traços ideológicos passíveis de serem identificados através de signos: “[...] a notícia trata de um fato, acontecimento que contém elementos de ineditismo, intensidade, atualidade, proximidade e identificação que o tornam relevante; corresponde, freqüentemente, à disfunção de algum sistema – a queda de um avião, a quebra da normalidade institucional etc.” (Lage, 2017, p. 114).

O autor ainda reflete sobre a cobertura política no jornalismo e considera que os fatos políticos não podem ser apenas noticiosos, já que pressupõem uma linha de acontecimentos anteriores que precisam ser considerados no momento da publicação.

A política, assim como o esporte, admite um tipo de cobertura que não se pode chamar simplesmente de noticiosa. Tanto em política quanto em esporte, cada acontecimento pressupõe algo exterior a ele e que lhe dá sentido: a ‘situação política’, a ‘situação no campeonato e no ranking’. (Lage, 2017, p. 115).

Além disso, as notícias políticas utilizam fatos que ocorrem em outras áreas, já que as atividades sociais apresentam dimensões políticas. Nilson Lage utiliza de exemplo o craque na bolsa de 1929 que ocorreu na Bolsa de Valores, um setor econômico, e não no parlamento; uma manifestação em Brasília é considerada fato urbano. “A política é, portanto, um discurso que se reporta à realidade de maneira particular. Nela, mais do que um evento singular, importa o estabelecimento do quadro de situação, isto é, a apreensão de um aspecto global de realidade que importa ou pressupõe prognóstico para o futuro.” (Lage, 2017, p.116).

2.2 Signo ideológico e ideologia

Em *Marxismo e filosofia da linguagem*, Volóchinov trata os problemas da filosofia da linguagem interligada a ciência, a religião, a moral e os fenômenos ligados diretamente a produtos ideológicos. Segundo o autor, o produto ideológico é um signo que parte de uma representação da realidade para refletir e refratar valores atribuídos a outros campos do mundo externo, portanto “[...] reflete e refrata outra realidade que se encontra fora dos seus limites. Tudo o que é ideológico possui uma significação: ele representa e substitui algo encontrado fora dele, ou seja, ele é um signo. Onde não há signo não há ideologia.” (Volóchinov, 2021, p.91)

Os signos ideológicos, conforme proposto por Volóchinov, pode ser observado em qualquer corpo físico, seja ele objeto, instrumento de produção (foice e o martelo, para os comunistas) ou produtos de consumo (pão e vinho, para os cristãos), enfim, qualquer elemento que ultrapasse as fronteiras de significação da sua existência particular. O campo dos signos, por refletir e refratar outros valores e pontos de vista específicos além do previsto pela significação, é convergente ao campo ideológico: “Onde há signo, também há ideologia. Tudo que é ideológico possui significação signica.” (Volóchinov, 2021, p. 93)

Dessa forma, os signos são mais do que um reflexo da realidade, são produtos gerados a partir de algum material, seja ele objeto, som, movimento do corpo ou linguagem. A noção de campo sógnico é gerada justamente a partir da interação da cadeia responsiva desses materiais do mundo externo. Quando a compreensão de um signo linguístico ocorre, por exemplo, responde a um signo e se faz com signos. Portanto, a geração de novos signos ideológicos é realizada através do processo de interação social. A construção ideológica, dessa maneira, está inserida em um material sógnico, social e criado pelo homem.

Essa cadeia ideológica se estende entre as consciências individuais, unindo-as, pois o signo surge apenas no processo de interação entre consciências individuais. A própria consciência individual está repleta de signos. Uma consciência só passa a existir como tal na medida em que é preenchida pelo conteúdo ideológico, isto é, pelos signos, portanto apenas no processo de interação social. (Volóchinov, 2021, p.95)

Tendo em vista que a geração de signos ocorre a partir da interação social, Volóchinov (2021, p. 97) a considera interindividual, entre dois indivíduos que sejam “socialmente organizados, ou seja, que componham uma coletividade - apenas nesse caso o meio sógnico pode formar-se entre eles.”. A consciência individual se forma e cresce a partir dos materiais sógnicos ideológicos criados em meio a comunicação social de uma coletividade organizada. Para o autor, “A lógica da consciência é a lógica da comunicação ideológica, da interação sógnica de uma coletividade.” (Volóchinov, 2021, p.98). Sendo assim, a comunicação é determinante para a construção e materialização dos signos ideológicos e a realização plena dessa construção pode ser encontrada através da linguagem, sobretudo, na palavra.

A significação, a representatividade da palavra como fenômeno ideológico e a clareza excepcional da sua estrutura sógnica já seriam suficientes para colocá-la no primeiro plano da ciência das ideologias. É justamente no material da palavra que se pode explicar, do melhor modo possível, as principais formas ideológicas da comunicação sógnica. (Volóchinov, 2021, 99)

A partir dessa reflexão, Volóchinov afirma que a palavra é um *signo neutro*, podendo assumir qualquer função ideológica que a for designada, diferentemente de outros materiais sógnicos que dependem do seu campo particular para assumir uma categoria ideológica: “[...] o signo é criado por uma função ideológica específica e é inseparável dela. Já a palavra é neutra em relação a qualquer função ideológica específica.”. (Volóchinov, 2021, p. 99)

A palavra é considerada como intermediária entre a consciência individual de cada indivíduo e o mundo exterior, podendo ser apontado, o material sótico, como discurso interior, já que nem todo signo é de fato expressado e pode permanecer apenas na consciência. Dessa forma, a palavra está diretamente ligada ao ato ideológico. Parafraseando o autor, o processo de compreensão dos fenômenos ideológicos não ocorre sem a relação com o discurso interior. No entanto, não é possível dizer que a palavra pode substituir todos os signos ideológicos, apesar de sua abrangência. A palavra não pode transmitir os sons de uma obra musical, a imagem de uma pintura, ou ainda, ritos religiosos. Mesmo assim, esses materiais sóticos podem se apoiar na palavra para acompanhá-los, como uma obra musical pode receber acompanhamento de um canto.

Portanto, a partir da construção e compreensão dos signos como material cultural proveniente da comunicação, os signos ideológicos passam a fazer parte da “unidade da consciência verbalmente formalizada” (Volóchinov, 2021, p. 101). É possível que a consciência encontre aproximação verbal através dos signos, por realizarem refração ideológica na palavra. “A palavra está presente em todo ato de compreensão e em todo ato de interpretação.” (Volóchinov, 2021, p.101).

Pensando nisso, é preciso analisar como a realidade social determina o signo e como este pode refletir e refratar a existência dessa mesma realidade formada através da onipresença social da palavra. O membro do Círculo acredita que a palavra é o melhor indicador de mudanças sociais, tendo em vista que a palavra participa de todo e qualquer processo de comunicação, seja de relações cotidianas, de relações de trabalho ou relações políticas. “A palavra é capaz de fixar todas as fases transitórias das mudanças sociais, por mais delicadas e passageiras que elas sejam.” (Volóchinov, 2021, p. 106).

Segundo estudos da chamada “psicologia social”, citados pelo autor, ela existe no exterior dos indivíduos e está sobretudo no material da palavra e o signo surge na relação e interação de indivíduos socialmente organizados. O modo de organização, bem como o regime político vigente a elas determinam a forma como os indivíduos interagem com o meio, com o trabalho e com suas relações políticas. Em suma, esse meio socialmente organizado através do material da palavra é responsável pelas criações ideológicas.

A psicologia social, para Volóchinov, organiza os discursos verbais, se realiza por meio de enunciados dependendo dos gêneros discursivos adequados. Além disso, se manifesta não só pela palavra, mas por expressões faciais, gesticulações ou atos convencionais que de certo modo, integram esses discursos. É nesse tipo de análise da

psicologia social que podemos encontrar a acumulação das mudanças sociais no material da palavra, que pouco a pouco se tornam sígnicos, e portanto, produtos ideológicos.

Esses produtos ideológicos serão criados a partir de cada esfera da sociedade em que um grupo está inserido e conforme suas demandas sociais e políticas que contribuem para a geração de novas formas discursivas e ideológicas. “Cada época e cada grupo social possui o seu próprio repertório de formas discursivas da comunicação ideológica cotidiana. Cada grupo de formas homogêneas, ou seja, cada gênero discursivo cotidiano, possui seu próprio conjunto de temas.” (Volóchinov, 2021, p. 109). Assim, as formas discursivas de enunciados são determinadas justamente pelas relações de trabalho e o regime sociopolítico.

Seguindo essa linha, objetos que entram em contato com diferentes esferas sociais, adquirem determinadas ênfases valorativas, de forma que, se torna uma forma sígnica. Esses objetos, para realizar reações ideológicas, precisam se relacionar com os segmentos socioeconômicos da esfera em que se encontram. Tendo essa relação em vista, é possível afirmar que o signo ideológico possui caráter interindividual e não se realiza apenas em uma voz individual. Todas as ênfases ideológicas são entendidas como pertencentes a um grupo, ainda que produzidas por um indivíduo: “[...] somente aquilo que adquiriu um valor social poderá entrar no mundo da ideologia, tomar forma e nele consolidar-se.” (Volóchinov, 2021, p. 111).

Como citado anteriormente, o signo não apenas reflete, como também refrata valores sociais. É possível que uma sociedade que utiliza a mesma língua, utilize as mesmas palavras, contudo, cada grupo atribui um signo da comunicação ideológica que o autor chama de *pluralidade de ênfases* do signo ideológico, que permite ao signo a capacidade de se desenvolver e se movimentar dentro de esferas da comunicação. “Em decorrência disso, em todo signo ideológico cruzam-se ênfases multidirecionadas. O signo transforma-se na arena da luta de classes.” (Volóchinov, 2021, p.113). O signo ideológico, pode então refratar a realidade a depender dos limites impostos pela ideologia dominante.

Miotello (2005) retoma as definições de *ideologia* propostas pelo círculo de Bakhtin e considera entender a ideologia como construção social justamente através do signo, de forma a estabelecer uma relação entre os acontecimentos nas estruturas socioeconômicas e a repercussão desses acontecimentos nas superestruturas ideológicas. A ideologia era vista como uma ideia já desenvolvida no psicológico individual, formada

no interior e não a partir do exterior do indivíduo, negando o processo ideológico como um acontecimento dialógico.

Dois tipos de conceituação foram propostos pelo Círculo, a ideologia oficial e a ideologia cotidiana. Miotello define a ideologia oficial como *relativamente dominante*, que pretende implantar uma única visão de mundo, e por isso, é considerada relativamente estável. A ideologia do cotidiano é desenvolvida através dos processos de comunicação casuais, sendo assim, relativamente instável. O autor explica que a produção do contexto ideológico completo é realizada a partir da relação dialética, estável e instável, entre os dois tipos de definição ideológica. Esse tipo de concepção ideológica é fundamental para construção e percepção da identidade e subjetividade dos sujeitos. Com isso, Miotello (2006, p. 171) define que “[...] se poderia caracterizar ideologia, da perspectiva bakhtiniana, como a expressão, a organização e a regulação das relações histórico-materiais dos homens.”.

Dentro de uma sociedade, as ideologias podem se manifestar de maneiras contrastantes, de modo que, em um momento podem servir a ordem social das classes dominantes para manter o sentido do que desejam, e em outro momento, é possível que as ideologias possam subverter a ordem em prol das relações sociais de produção. Em resumo, a comunicação ideológica pode atuar de maneiras diferentes a depender da classe que a articula através da palavra. “As palavras, nesse sentido, funcionam como agente e memória social, pois uma mesma palavra figura em contextos diversamente orientados.” (Miotello, 2006, p.172).

Vozes, palavras e enunciados permeiam os contextos sociais a depender do passado e do presente que os grupos sociais estão inseridos. Diversas palavras adquirem significados a partir dos fios ideológicos que permeiam cada esfera da sociedade: às palavras democracia revolução e golpe, por exemplo, é designado um valor ideológico variado de acordo com a posição ideológica de determinado grupo de indivíduos.

Esses grupos, citados pelo autor, são grupos organizados que colocam seus valores nas interações e criam materiais ideológicos concretos, que são disseminados nas relações entre os indivíduos em um nível menor de propagação - considerada ideologia cotidiana -, como também expandem esses materiais em um nível maior - a ideologia oficial -, nas instituições ideológicas (literatura e imprensa, por exemplo). Os grupos que atingem as instituições ideológicas são justamente aqueles que pertencem às classes

dominantes e pretendem garantir a hegemonia ideológica, enquanto os signos contraditórios à estas classes devem permanecer ocultos.

E desse nível é que a ideologia, que teve seu nascedouro nas interações sem padrão fixo, se dando sobre os acontecimentos sociais mais ínfimos e mais casuais, e se conservando relativamente instabilizada frente ao que é considerado ideologia oficial em uma dada sociedade, principia sua relação mais efetiva com esse nível oficial da ideologia, infiltrando-se progressivamente nas instituições ideológicas (imprensa, literatura, ciência, leis, religião), e as renovando ao mesmo tempo em que é renovada por elas. (Miotello, 2006, p. 173)

Ao passo que a ideologia oficial passa por diversos meios e etapas de objetivação social através de sistemas ideológicos como literatura, ciência e religião, ela é considerada relativamente mais estabilizada e mais aceita pelo todo social que a ideologia cotidiana: “[...] mais testados pelos acontecimentos e mais amparados por jogos de poder.” (Miotello, 2006, p. 174).

Contudo, o tempo de duração da ideologia oficial não é maior que o da ideologia cotidiana, e por isso, constantemente há divergências de sentidos - enquanto a ideologia oficial busca construir um sentido relativamente estável para determinadas palavras, como *casamento* significar a união entre pessoas de sexo diferente, as esferas sociais fora da ideologia dominante produzem e modificam o significado de palavras e realidades. Portanto, conforme direcionado por Miotello, a ideologia é de certa forma, a representação dominante da sociedade, através de relações interpessoais de grupos sociais organizados que refletem e ao mesmo tempo, reconstroem significados a partir de interações ideológicas sociais cotidianas entre *Eu X Outro*.

3 GUERRA CULTURAL E O BOLSONARISMO

Jair Bolsonaro foi eleito presidente do Brasil nas eleições de 2018, no segundo turno, disputado com Fernando Haddad, candidato do Partido dos Trabalhadores (PT). Para João Cézar de Castro Rocha, em *Guerra Cultural e Retórica do Ódio: crônicas de um Brasil pós político* (2021), o governo de Bolsonaro foi marcado por políticas negacionistas e teorias conspiratórias acerca de seus adversários políticos, políticas essas que desrespeitam e atacam a ordem democrática. Eleito num cenário de polarização entre conservadores e a oposição a eles, o governo bolsonarista se beneficiou de técnicas discursivas sob influência do guru Olavo de Carvalho e seu *sistema de crenças*.

Segundo Rocha (2021), as declarações controversas do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro, que já flertavam com a concepção de retórica do ódio, não começaram em sua campanha. Em 2016, enquanto justificava seu voto no processo de *impeachment* de Dilma Rousseff, Bolsonaro, que era deputado federal na época, homenageou o coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra - ex-chefe do DOI-CODI, responsável por torturas e assassinatos no período da ditadura militar no Brasil.

Assim, ascensão da direita no Brasil é mais notável nas manifestações ocorridas em junho 2013 contra a alta na tarifa dos ônibus e metrô na cidade de São Paulo. Convocadas pelo Movimento Passe Livre, Marina Amaral (2016, p. 49) destaca que “Suas principais bandeiras eram contra a ‘roubalheira’ e contra ‘tudo isso que está aí’, paulatinamente substituídos por um simples ‘Fora PT’”. É nesse momento que ocorre a apropriação do verde-amarelo por parte desse movimento como modo de afirmar patriotismo.

Contudo, conforme o Rocha (2021) a escalada dos movimentos de direita não teve início nessas manifestações. Olavo de Carvalho em 1990 já articulava o fortalecimento da juventude de direita através da ampliação de repertórios bibliográficos com divulgações de autores conservadores e liberais, além dos frequentes ataques a figuras da esquerda na época, que em sua maioria ocupavam a universidade pública.

É preciso compreender a ascensão da direita levando em consideração a convicção de existência da *doutrinação esquerdista*. Desse modo, a destruição das instituições públicas de ensino e pesquisa é legítima para os seguidores do bolsonarismo, já que todas as instituições, em particular as universidades, seriam aparelhadas para levar adiante a

doutrinação. A permanência do Partido dos Trabalhadores no poder por catorze anos também possibilitou a associação da esquerda com o *establishment*, e o movimento de oposição começou a ser à direita.

Nesse sentido, a Juventude de direita, insatisfeita com a crescente ocupação da esquerda em espaços de poder, forma sua concepção de mundo através do “sistema de crenças” do guru bolsonarista Olavo de Carvalho. A presença assídua desses seguidores nas redes sociais, como num ciclo, propaga esse sistema também nas redes. O alcance das redes sociais amplificou a difusão das ideias de Carvalho. O principal objetivo do "mestre" nesse momento, segundo Rocha (2021), era propagar a contestação da hegemonia da esquerda no campo cultural, hegemonia essa que ganhou força como forma de resistência à ditadura militar.

O resultado dessa retórica no sistema promovido por Olavo de Carvalho é a negação de tudo aquilo que não reflete suas próprias convicções, através de técnicas discursivas que reduzem o outro a *inimigo* e, portanto, a adesão a suas ideias é necessariamente acrítica. A violência é perceptível na linguagem de baixo calão, na desqualificação do nome próprio dos adversários e na fala agressiva utilizada como argumento de autoridade

A difusão da retórica do ódio, que define a doutrinação do autor de O imbecil coletivo, representa hoje o maior obstáculo para a superação do caos cognitivo produzido pelo analfabetismo ideológico, por sua vez, alimentado pela idiotia erudita. (Rocha, 2021, p.127)

Rocha (2021) estabelece uma diferença fundamental entre retórica do ódio e discurso de ódio no contexto em que Olavo de Carvalho está inserido. Enquanto a retórica do ódio é direta em seus objetivos de disseminação ideológica, o discurso de ódio pode depender de interpretações subjetivas para a compreensão das intenções do enunciário. Esse processo de intolerância não se trata apenas de violência física, como também da violência das palavras, já que a linguagem tem papel fundamental na disseminação ideológica. Para Valentin Volóchinov, ideologia não é um fato psicológico, mas surge de um material sígnico, criado coletivamente.

A significação, a representatividade da palavra como fenômeno ideológico e a clareza excepcional da sua estrutura sígnica já seriam suficientes para colocá-la no primeiro plano da ciência das ideologias. É justamente no material da palavra que se pode explicar, do melhor modo possível, as principais formas ideológicas da comunicação sígnica. (Volóchinov, 2021, p. 99)

Piovezani (2020), em *A linguagem fascista*, apresenta duas características que perduraram no pensamento e na linguagem do Terceiro Reich: não dar margem à consciência crítica e sempre eleger um inimigo em comum. Nesse sentido, os sentimentos e pensamentos são orientados pelos líderes das massas contra um outro que se deve destruir.

Assim, há uma política ideológica de difamação, discriminação e animalização, como analisado por Rocha (2021, p.161). Esse movimento é notado em relação ao presidente Lula, por exemplo, chamado de “molusco”, ou à ex-presidente Dilma Rousseff, chamada de “anta” por suas declarações. O outro método utilizado é a redução dos “adversários” em meras caricaturas, do mesmo modo, através do nome. “O historiador Marco Antônio Villa, torna-se Marco Antônio *Vil*; o pensador Mário Sérgio Cortella, Mário Sérgio *Costela*.”.

O autor também argumenta que o *sistema de crenças* de Olavo foi propagado em meios diversos: impresso, rádio, redes sociais e mídias digitais, música popular, produtos audiovisuais (atualmente, podemos dizer que a difusão das ideias de Olavo é também reforçada pela divulgação de algumas mídias, entre elas, o *Brasil Paralelo*). O movimento nas mídias explodiu em 2015 e 2016 com uma linguagem própria de combate a uma *ameaça comunista*. Houve uma organização ostensiva dos conservadores nas redes sociais. A direita começa a tomar as ruas, que até aquele momento, eram lugar de reivindicação daqueles que não tinham espaço no campo político - a própria esquerda. Percebe-se então uma alteração no cenário político brasileiro e foi possível se considerar de oposição por ser de direita. Assim, para o guru, a dominação no tempo da rede de telecomunicações tornou-se mais ágil. Em 2018, essa estratégia foi utilizada pela campanha de Jair Bolsonaro, que Rocha (2021) observa no trecho de uma entrevista concedida do ex-presidente, em 12 de dezembro de 2017 ao jornal *O Estado de São Paulo*: “Mas vamos até o fim! Há algo de muito maior que eleição em jogo: a derrubada da hegemonia cultural da esquerda no Brasil.” Essa frase foi levada até as últimas consequências por seus apoiadores, visto a tentativa de destruição das instituições democráticas de direito no dia 08 de janeiro de 2023.

No início da redemocratização, conforme Rocha (2021), iniciaram--se as denúncias relacionadas a torturas e assassinatos cometidos pelos militares na época da ditadura militar. Incomodado com as denúncias, em 1984, o tenente-coronel Romeu Antonio Ferreira iniciou a divulgação de relatórios que visavam impedir a tomada de

poder por supostas “minorias ideológicas totalitárias de inspiração marxista-leninista”. Em outras palavras, os relatórios - que futuramente se tornaram o *Orvil* - eram narrativas que pretendiam alertar os membros do exército para uma ameaça comunista.

Segundo Rocha (2021), as ideias do *Orvil* precedem e apresentam bases semelhantes ao *marxismo cultural*, conceito utilizado na campanha de Bolsonaro propagadas por Olavo de Carvalho e seus seguidores: a crença de que a cultura ocidental cristã será destruída e seus valores estão sob ataque. A única forma de proteger a democracia de ataques comunistas seria com intervenção militar. Configura-se nesse cenário a reconstrução revisionista da ditadura militar a partir do *Orvil*, em que os verdadeiros inimigos são os comunistas e estes devem ser eliminados. O Coronel Brilhante Ustra, nessa narrativa, se tornou símbolo do revisionismo histórico, de torturador na ditadura passa a herói que impediu a tentativa de “tomada do poder pelos comunistas”, ainda que as torturas tenham sido confirmadas a partir de testemunhos obtidos nos processos do Superior Tribunal Militar. Rocha (2021) destaca uma postagem realizada em 2020, por Olavo de Carvalho em seu perfil no Facebook – nessa publicação, Olavo declarou explicitamente qual deveria ser a postura de Jair Bolsonaro e seus apoiadores com relação aos inimigos internos.

Quebrada a hegemonia intelectual, a guerra cultural começa com a desocupação de espaços. Botar para fora, da maneira mais humilhante possível, os farsantes e usurpadores. Isso exige militância organizada e PRESENÇA FÍSICA (Facebook, 20 de março de 2018)

Desse modo, a Guerra Cultural, a partir de Rocha (2021), implica na disseminação do ódio e da intolerância com o outro, mas essa dinâmica não é exclusivamente brasileira. Donald Trump, nos Estados Unidos, começou um conflito com todas as emissoras de televisão que não se submetiam a seus projetos autoritários. No Brasil, o processo se configurou de maneira um pouco diferente. Houve um movimento de discípulos fiéis de Olavo de Carvalho e Jair Bolsonaro, que abriram editoras e institutos para a divulgação do sistema de crenças - ou ainda, a presença de influenciadores na internet que são aliados nesse sistema.

Esse movimento de disseminação de ideologia se manteve ao longo do governo de Jair Bolsonaro. Para manter o eleitorado inflamado visando ao sucesso nas eleições que seriam realizadas em outubro de 2022, houve a propagação de notícias falsas a respeito da confiabilidade das urnas, com o apoio de jornais e meios de comunicação que divulgavam as dúvidas sobre a segurança das urnas e a validade das eleições. “Na retórica

bolsonarista, se Bolsonaro não fosse reeleito em 2022, o Brasil viraria a Venezuela - logo, todos os atos para evitar que isso acontecesse eram justificáveis, conforme previsto pela retórica orviliana” (Rocha, 2021, p.261)

Em *Psicologia das Multidões*, Le Bon (2018) caracteriza esse fenômeno de inflamação das massas como “alma coletiva”. O indivíduo é colocado em um estado que perde sua individualidade e a personalidade consciente, para servir aos propósitos da multidão. “Em uma multidão, todo sentimento, todo ato é contagioso, e contagioso ao ponto de que o indivíduo sacrifique muito facilmente seu interesse pessoal ao interesse coletivo” (Le Bon, 2018, p. 35). Para as multidões bolsonaristas, o petismo é o signo que representa a esquerda em geral, e dessa forma, os atos autoritários são justificados por salvar o Brasil do *perigo vermelho*, evitando um *mal maior*.

No dia 30 de outubro de 2022, Luiz Inácio Lula da Silva é eleito presidente do Brasil,, segundo dados obtidos pelo Superior Tribunal Eleitoral: “Com a totalização da apuração de todas as seções, Lula obteve 60.345.999 votos (50,90% dos votos válidos) e Jair Bolsonaro [...] recebeu 58.206.354 votos (49,10% dos votos válidos)”. Nesse momento, a disseminação de informações falsas sobre segurança das urnas se intensificou e os apoiadores do até então presidente se dirigiram para quartéis em diversas cidades brasileiras pedindo intervenção militar, parte desse grupo também participando de atos em algumas das principais rodovias do país.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO

Os veículos escolhidos para a análise dos signos ideológicos presentes nas notícias referentes aos atos inconstitucionais ocorridos no dia 08 de janeiro são: Brasil Paralelo, Jovem Pan, O Antagonista, A Folha de São Paulo, O Estado de São Paulo e CartaCapital. As matérias analisadas foram veiculadas entre os dias 08 e 10 de janeiro de 2023.

Através da teoria dos signos ideológicos, proposta por Valentin Volóchinov (2021) entendemos que a realidade social determina o signo enquanto reflete e refrata valores dessa realidade por meio da palavra. “Qualquer signo ideológico é não apenas um reflexo, uma sombra da realidade, mas também uma parte material dessa mesma realidade.” (Volóchinov, 2021, p. 94).

Figura 1 - Brasil Paralelo

Caos em Brasília: invasão e vandalismo nos prédios dos três poderes

As sedes dos três poderes da República foram invadidas e depredadas por manifestantes contrários à Lula e insatisfeitos com o processo eleitoral de 2022.

BRASIL • POLÍTICA • HISTÓRIA DO BRASIL | 9 de janeiro de 2023

Fonte: Brasil Paralelo. Disponível em https://www.brasilparalelo.com.br/noticias/caos-em-brasilia-invasao-e-vandalismo-nos-predios-dos-tres-poderes?utm_medium=%2Fnoticias%2Fsenado-brasileiro-autoriza-a-criacao-da-cpmi-do-8-de-janeiro.

Na notícia escolhida publicada pela produtora de mídias, Brasil Paralelo, “Caos em Brasília: invasão e vandalismo nos prédios dos três poderes”, já é possível observar a identificação dos sujeitos actantes através da linha fina, visto na figura 1, acima. O texto identifica os autores dos atos de invasão e vandalismo, conforme dito na linha fina da matéria, como *manifestantes*. A escolha do vocábulo gera uma dubiedade ideológica, visto que invasão e vandalismo, citados tanto na manchete quanto na linha fina, geram um sentido pejorativo crítico em relação aos atos, enquanto manifestantes na frase implica um atenuante no ocorrido.

Em outro momento do texto, os manifestantes aos quais a produtora se refere são evidenciados de outra maneira: “A ação durou cerca de seis horas e gerou reação do poder

público, com centenas de prisões e o confinamento de cerca de 1,2 mil pessoas em um ginásio da Polícia Federal, em Brasília.”. Nesse trecho, a palavra *confinamento*¹ se destaca, já que um dos seus sentidos mais conhecidos é como sistema de criação de bovinos em uma área restrita. Dessa forma, o discurso que pode ser identificado no texto é o de tratamento animalizado promovido pela segurança pública dos sujeitos que foram detidos pela polícia. A escolha das palavras utilizadas pelo Brasil Paralelo evidencia, ainda que implicitamente, a posição ideológica que o veículo assume. Ainda que tenham usado o signo “manifestantes” que reflete valor legítimo aos atos, os signos presentes no título da notícia, com mais destaque, apresentam valor negativo em relação aos sujeitos citados.

Volóchinov considera que a existência de signos ideológicos pertence a um território interindividual, e não pode ser atribuído a apenas um sujeito. Por isso, os valores apresentados através de signos ideológicos tanto pelo Brasil Paralelo, quanto por outros veículos de comunicação que serão analisados, partem de uma perspectiva sociopolítica pertencente a grupos sociais organizados.

É por isso que todas as ênfases ideológicas, embora produzidas por uma voz individual (por exemplo, na palavra) ou por qualquer organismo individual, são ênfases sociais, que pretendem reconhecimento social, e apenas em prol desses reconhecimento são realizadas no exterior, no material ideológico. (Volóchinov, 2021, p. 111).

O Brasil Paralelo é conhecido pelos seus conteúdos alinhados ao conservadorismo que acompanha os valores da direita, mais especificamente, os valores propagados pelo ex-presidente, Jair Bolsonaro. Mesmo assim, o veículo atribuiu à notícia uma dubiedade ideológica que o aproxima dos sujeitos que cometeram os atos, mas também, o afasta a partir de signos ideológicos valorados negativamente, os quais também foram utilizados. Desse modo, é possível identificar na notícia a refração de duas realidades sociais: a realidade de grupos que legitimam os atos ocorridos e a realidade de grupos que os condenam, “O signo transforma-se na arena da luta de classes.” (Volóchinov, 2021, p. 113). Pode-se sugerir que, ainda que o veículo entenda as razões dos sujeitos, não concorda com os atos ocorridos.

¹ A definição utilizada encontra-se no artigo disponibilizado pela Universidade Federal do Paraná, disponível em <https://docs.ufpr.br/~freitasjaf/artigos/CONFINAMENTO.htm>

Figura 2 - Jovem Pan

Manifestantes furam bloqueio e invadem Congresso, STF e Palácio do Planalto; veja vídeo

Prédios foram depredados, vidraças quebradas e há focos de incêndios; polícia retoma prédio do Supremo

Por Jovem Pan 08/01/2023 15h12 - Atualizado em 08/01/2023 18h00



Fonte: Jovem Pan. Disponível em <https://jovempan.com.br/noticias/brasil/manifestantes-furam-bloqueio-e-invadem-esplanada-veja-video.html>.

O segundo veículo, Jovem Pan, possui o mesmo modo de identificação dos sujeitos utilizado pela Brasil Paralelo, visto na figura 2. A notícia utiliza o signo *manifestantes* na manchete. Outro signo de identificação se destaca no início do primeiro parágrafo: “As sedes dos Três Poderes – Congresso Nacional, Supremo Tribunal Federal e o Palácio do Planalto – foram invadidas e depredadas pelos protestantes [...]”. Além de *manifestantes*, Jovem Pan identifica os sujeitos como *protestantes*.

Como visto na primeira notícia, os signos de identificação utilizados pela Jovem Pan refletem o caráter de legalidade através de *manifestantes* e *protestantes*, mas condenam os atos quando utilizados *invadem* e *depredados*. A escolha de vocábulos constitui as ênfases valorativas seguidas pelos veículos de comunicação, uma vez que eles se relacionam com os segmentos das esferas sociais em que se encontram. Da mesma forma que o Brasil Paralelo está alinhado com a direita conservadora, a Jovem Pan segue pela mesma linha.

Os signos ideológicos são mutáveis, sendo assim, é possível através de um mesmo signo, refletir e refratar diferentes realidades a depender da atribuição destes pela classe dominante. Veículos de mídia que possuem um determinado alinhamento sociopolítico, utilizam de signos que corroborem suas ideologias.

Justamente aquilo que torna o signo ideológico vivo e mutável faz dele um meio que reflete e refrata a existência. A classe dominante tende a atribuir ao signo ideológico um caráter eterno e superior à luta de classes, bem como a apagar ou ocultar o embate das avaliações sociais no seu interior, tornando-o monoenfático. (Volóchinov, 2021, p. 113).

Ainda no primeiro parágrafo, o veículo diz: “Centenas de manifestantes que protestavam contra os resultados das eleições de 2022 furaram os bloqueios da segurança e invadiram a Esplanada dos Ministérios, em Brasília, neste domingo, 8.”. O verbo *furaram* indica que houve luta e embate dos manifestantes com a polícia, o que também pode ser considerada uma posição ideológica a partir do cotejamento com outra notícia analisada, que ao contrário, não atribui à polícia caráter combativo, mas complacente.

Há, então, um conflito entre os signos *manifestantes*, *invadiram* e *furaram*, uma vez que *invadiram* age na frase como uma repreensão ao ocorrido, *manifestantes* age como atenuante da gravidade, tendo em vista a legalidade na condição de manifestação, além de *furaram*, que indica posicionamento ostensivo da polícia em relação aos sujeitos, de modo a corroborar a narrativa de defesa, e não de convivência da Polícia Militar, conforme viria a ser mencionada.

Qualquer signo ideológico possui duas faces. Qualquer xingamento vivo pode se tornar um elogio, qualquer verdade viva deve inevitavelmente soar para muitos como uma grande mentira. Essa dialética interna do signo revela-se na sua totalidade apenas em épocas de crises sociais e de mudanças revolucionárias. (Volóchinov, 2021, p. 113).

Portanto, como analisado na notícia anterior, Jovem Pan admite o mesmo caráter de dubiedade ideológica, já que utiliza signos que refratam o alinhamento com os grupos políticos da extrema direita e creditam legalidade aos sujeitos, mas da mesma forma, condena através de signos que atribuem caráter de vandalismo às ações realizadas.

Figura 3 - O Antagonista



Fonte: O Antagonista. Disponível em <https://oantagonista.uol.com.br/brasil/manifestantes-invadem-congresso-nacional/>.

O Antagonista também faz uso do signo *manifestantes* para a identificação dos sujeitos no título da notícia na figura 3. Contudo, houve uma mudança na linha fina da notícia, após edição feita pelo veículo, como é possível observar na figura 4, abaixo.

Figura 4 - O Antagonista (notícia com alteração)



Fonte: O Antagonista. Disponível em <https://oantagonista.uol.com.br/brasil/manifestantes-invadem-congresso-nacional/>.

Como feito na notícia do veículo Jovem Pan, o verbo *furaram* é utilizado logo na linha fina, e copiado no lide, para descrever o momento da invasão ao Congresso Nacional: “Manifestantes furaram na tarde deste domingo (8) barreiras policiais montadas na Esplanada dos Ministérios e conseguiram invadir o Congresso Nacional.”. Dessa forma, o texto adquire um juízo de valor negativo à ação dos sujeitos com a mudança de verbo - de *subiram* para *furaram* e *invadem*. Ainda sim, *manifestantes* permanece como signo ideológico atenuante.

A diferença entre O Antagonista e os outros dois veículos analisados é encontrada na identificação dos sujeitos. Além de manifestantes, também são descritos como *apoiadores do ex-presidente Jair Bolsonaro* na notícia: “Apoiadores do ex-presidente Jair Bolsonaro, eles pedem, entre outras coisas, a prisão de Lula e intervenção militar.”.

Figura 5 - A Folha de São Paulo



Fonte: A Folha de S. Paulo. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2023/01/bolsonaristas-sobem-em-teto-do-congresso-e-pm-reage-com-bombas.shtml>.

A Folha de São Paulo, por outro lado, identifica esses sujeitos através de outros signos. O título inicial da matéria, indicado pelo *html* na barra do site, era outro, como mostrado pela figura 5. Entretanto, o título da notícia na página da Folha em 08 de janeiro de 2023, às 16 horas e 14 minutos foi atualizado: “Golpistas invadem Planalto, Congresso e STF; PM reage com bombas.”. Houve uma mudança de *bolsonaristas*, que em um primeiro momento identificava esses sujeitos apenas como apoiadores de Jair Bolsonaro, para *golpistas*, à medida que a situação se agravou.

Contudo, a identificação *apoiadores de Jair Bolsonaro* não deixa de aparecer, como mostra a linha fina: “Apoiadores de Bolsonaro estavam no Quartel General do Exército e espalharam atos de vandalismo em Brasília”. Adquire-se, como feito pelo O Antagonista, uma relação entre os atos do dia 08 e o ex-presidente Jair Bolsonaro.

A identificação dos sujeitos através de *apoiadores de Jair Bolsonaro*, ou *bolsonaristas*, atribui ao signo *golpista* um novo valor, que contrasta com o valor utilizado na ditadura militar para categorizar a oposição. Por consequência, essa rotulação dos sujeitos credita ao ex-presidente parte da responsabilidade pelas ações.

No início da linha fina, identificam-se ainda os apoiadores de Bolsonaro como *manifestantes golpistas*. Diferente dos veículos anteriores, que utilizavam de forma majoritária o signo *manifestantes*, essa notícia reforça o caráter antidemocrático das ações realizadas, ainda que também atribua um caráter de legalidade aos sujeitos, a partir da identificação dos sujeitos que as realizaram: “Manifestantes golpistas entraram na

Esplanada dos Ministérios na tarde deste domingo (08) [...]”. É possível considerar, assim, que o jornal atribui uma ambivalência ao signo na referência aos sujeitos.

Nesse mesmo início, ao contrário do verbo *furaram*, visto anteriormente na notícia veiculada pela figura 2, é utilizado o verbo *entraram*. De certo modo, *entraram* não reflete caráter combativo na ação, o que pode significar que os *golpistas* não tiveram maiores dificuldades para invadir a Esplanada dos Ministérios. Um pouco mais à frente, o texto cita um conflito com a polícia que parece ter ocorrido apenas após as invasões e os atos de vandalismo, declaradas pelo veículo: “[...] espalharam atos de vandalismo em Brasília e entraram em confronto com a Polícia Militar.”

Figura 6 - O Estado de São Paulo



Fonte: O Estado de São Paulo. Disponível em <https://www.estadao.com.br/politica/manifestantes-invadem-congresso-e-seguem-para-palacio-do-planaltoH/>.

A quinta notícia analisada pertence ao jornal O Estado de São Paulo, e assim como A Folha de S. Paulo, se distingue dos três primeiros veículos na utilização de vocábulos que identificam os sujeitos actantes. O Estadão utiliza o signo *golpistas* no título da notícia para categorizar ideologicamente os sujeitos. Quanto aos atos, também são condenados a partir da utilização de signos como *invadem* e *depredados*, que atribuem caráter de vandalismo para as ações realizadas, pela perspectiva do veículo.

Além disso, já no primeiro parágrafo, o jornal também realiza ligação entre os chamados *golpistas* e o ex-presidente Jair Bolsonaro: “Bolsonaristas radicais marcharam neste domingo, 8, à tarde pela Esplanada dos Ministérios, invadiram a sede dos três Poderes da República e deixaram um rastro de destruição pelos principais edifícios de Brasília.”. Podemos observar que, diferentemente dos três veículos iniciais, A Folha de S. Paulo e O Estado de São Paulo atribuem às suas notícias uma linguagem que refrata valores diferentes aos sujeitos e mais condenatórios aos atos ocorridos, de forma que, se

orientam na realidade de maneira diversa através dos signos que utilizam. Esses valores, como explica Miotello, são determinados sócio historicamente e são observados no uso da linguagem.

O ponto de vista, o lugar valorativo e a situação são sempre determinados sócio-historicamente. E seu lugar de constituição e de materialização é na comunicação incessante que se dá nos grupos organizados ao redor de todas as esferas das atividades humanas. E o campo privilegiado de comunicação contínua se dá na interação verbal, o que constitui a linguagem como o lugar mais claro e completo da materialização do fenômeno ideológico. (Miotello, 2005, p. 170).

Contudo, O Estado de São Paulo apresenta maior contundência em relação à identificação dos sujeitos e aos atos cometidos, já que, ao contrário dos veículos analisados anteriormente, o jornal não apresenta ambivalência nos signos que compõem a notícia, além de não estabelecer dubiedade na relação *sujeito X ato*, como visto nos veículos Brasil Paralelo, Jovem Pan e O Antagonista.

Figura 7 - CartaCapital



Fonte: CartaCapital. Disponível em <https://www.cartacapital.com.br/politica/terroristas-bolsonaristas-podem-ser-denunciados-por-crime-de-golpe-de-estado-entenda/>.

A última notícia que será objeto de análise é a representada pela figura 7. Publicada pelo veículo CartaCapital, a notícia recorre a outros signos para identificar os indivíduos citados. Diferentemente dos veículos analisados anteriormente, CartaCapital recorre ao signo *terroristas bolsonaristas* para apresentar os sujeitos. Após, também utiliza *crime de golpe de estado*, *delito* e *atos golpistas* para referenciar os atos ocorridos no dia 08 de janeiro.

Ao utilizar *terroristas bolsonaristas*, a revista parte de sua orientação social para construir o enunciado estilisticamente, como apresentado por Volóchinov (2019). Em

outras palavras, a construção do enunciado com esse determinado signo está diretamente relacionada ao posicionamento ideológico da CartaCapital, assumidamente uma mídia de esquerda. Se realizarmos um cotejamento entre os enunciados aqui analisados, é possível perceber uma diferença significativa quanto à identificação dos sujeitos, mesmo em relação aos veículos considerados de centro, como O Estado de São Paulo e A Folha de S. Paulo, que utilizam, majoritariamente, *golpistas*. Nesse sentido, Volóchinov pontua que a ideologia permeia o enunciado ao expressar a relação do enunciador com o mundo:

A ideologia de classe penetra de dentro (por meio da entonação, da escolha de palavras e da disposição das palavras) qualquer construção verbal, ao expressar e realizar não só por meio do seu conteúdo, mas pela sua própria forma, a relação do falante com o mundo e as pessoas, bem como a relação com dada situação e dado auditório. (Volóchinov, 2019, p. 309)

Enquanto *terrorista*, de certo modo, servia durante a ditadura militar para identificar sujeitos de esquerda, nesse enunciado a CartaCapital utiliza-se do mesmo signo para atribuir crime às práticas cometidas pelos indivíduos da extrema direita, já que a revista parte do ponto de vista valorativo e ideológico da esquerda e se direciona para um público que se identifica com esse posicionamento político. Pensando nisso, Volóchinov (2019, p. 316). afirma que “[...] uma mesma palavra, quando dita por pessoas de diferentes classes, refletirá também diferentes olhares, expressará diferentes pontos de vista, mostrará diferentes relações com a mesma realidade, com o mesmo fragmento da existência, que é o tema dessa palavra.”

5 CONCLUSÕES

A notícia, como gênero, tem como principais características o imediatismo e o ineditismo, conforme Lage (2017). No meio digital, as notícias apresentam a multimidialidade com imagens que complementam o conteúdo verbal publicado, por exemplo, apresentam os sujeitos de forma combativa, vestidos de verde e amarelo, e com a bandeira do Brasil, signos que remetem ao movimento de extrema direita que ascendeu no país após as manifestações de junho 2013 contra a alta na tarifa dos ônibus e metrô na cidade de São Paulo. Além disso, pensando no imediatismo observado na notícia como gênero na era digital, é notável a atribuição de *hiperlinks* que contribuem para a atualização do texto para o leitor, além da manutenção da memória através de relações dialógicas com textos já publicados anteriormente pelos veículos de mídia.

Podemos dizer, enfim, que Brasil Paralelo, Jovem Pan e O Antagonista, apesar de utilizarem signos que atribuem legalidade aos sujeitos, condenam os atos realizados. Pode-se sugerir que esses veículos compreendam as razões dos sujeitos, mas não os atos realizados. Ou seja: veículos como Brasil Paralelo, Jovem Pan e O Antagonista utilizam majoritariamente os signos manifestantes e protestantes, signos esses que atribuem legalidade aos sujeitos; entretanto, os três veículos utilizam palavras como *depredado* e *invadido*, que condenam os atos realizados. Foi possível identificar, dessa maneira, uma dubiedade na maneira como os três primeiros veículos identificaram os sujeitos e os atos de formas distintas.

Já os últimos três veículos condenam de forma contundente não apenas os atos, como também os sujeitos. Assim, os veículos O Estado de São Paulo, A Folha de São Paulo e CartaCapital utilizam outros signos para identificar os sujeitos, como *golpistas*, *bolsonaristas* e *terroristas*.

Deve-se destacar ainda a ambivalência no signo ideológico utilizados pelo jornal A Folha de São Paulo quando qualificou os sujeitos como *manifestantes bolsonaristas*, sintagma que aproxima, dependendo da compreensão do leitor, dois valores opostos – o primeiro, positivo; o segundo, negativo.

Por fim, a pesquisa observou um novo valor atribuído ao signo *terrorista*, utilizado majoritariamente a partir da ditadura militar para a oposição de esquerda ao regime ditatorial, em luta pela instauração de uma democracia; ou seja: o terrorista era quem lutava pela democracia.

Nesse novo contexto do janeiro de 2023, o signo *terrorista* foi (re)valorado/(res)significado para identificar os sujeitos de extrema direita, apoiadores de Jair Bolsonaro, que tentaram derrubar o novo governo eleito democraticamente – neste caso, terrorista é um sujeito contra a democracia, que tenta destituir um governo eleito democraticamente (sendo esta a compreensão responsiva do leitor dessa mídia da esquerda política).

REFERÊNCIAS

AMARAL, Marina. “Jabuti não sobe em árvore: como o MBL se tornou o líder das manifestações pelo impeachment”. In: JINKINGS, Ivana et al. (Eds.). **Por que gritamos golpe? Para entender o impeachment e a crise política no Brasil**. Tinta vermelha. 1. ed. São Paulo, SP: Boitempo, 2016. p. 44-47.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Estética da Criação Verbal**. Prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov: introdução e tradução do russo por Paulo Bezerra. 5. ed. São Paulo: Editora WMF Martin Fontes, 2010.

Caos em Brasília: invasão e vandalismo nos prédios dos três poderes. **Brasil Paralelo**, Política, 09 jan. 2023. Disponível em: https://www.brasilparalelo.com.br/noticias/caos-em-brasilia-invasao-e-vandalismo-nos-predios-dos-tres-poderes?utm_medium=%2Fnoticias%2Fsenado-brasileiro-autoriza-a-criacao-da-cpmi-do-8-de-janeiro. Acesso em: 23 mai. 2023.

100% das seções totalizadas: confira como ficou o quadro eleitoral após o 2º turno. **Tribunal Superior Eleitoral**, Notícias, Brasília, 31 out 2022. Disponível em: <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2022/Outubro/100-das-secoes-totalizadas-confira-como-ficou-o-quadro-eleitoral-apos-o-2o-turno>. Acesso em: 20 out 2024.

Golpistas invadem Planalto, Congresso e STF; PM reage com bombas. **Folha de S.Paulo**, Política, São Paulo, 08 jan. 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2023/01/bolsonaristas-sobem-em-teto-do-congresso-e-pm-reage-com-bombas.shtml>. Acesso em: 23 mai. 2023.

Golpistas invadem Congresso, STF e Palácio do Planalto; governo Lula intervém na segurança do DF. **O Estado de São Paulo**, Política, São Paulo, 08 jan 2023. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/politica/manifestantes-invadem-congresso-e-seguem-para-palacio-do-planalto/>. Acesso em: 23 mai 2023.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin** / José Luiz Fiorin. São Paulo: Ática, 2006, 144p.

GERALDI, J, W. Heterocientificidade nos estudos linguísticos. In: GEGE (Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso) (Org.). *Palavras e contrapalavras: enfrentando questões da metodologia bakhtiniana*. São Carlos: Pedro e João Editores, 2012

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. 12. ed. Rio de Janeiro: Record, 2017.

LE BON, Gustave. **Psicologia das multidões**. Tradução Mariana Sérvulo da Cunha. 3. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2018.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. 12. ed. Rio de Janeiro: Record, 2017.

Manifestantes furam bloqueio e invadem Congresso, STF e Palácio do Planalto; veja vídeo. **Jovem Pan**, Brasil, São Paulo, 08 jan 2023. Disponível em:

<https://jovempan.com.br/noticias/brasil/manifestantes-furam-bloqueio-e-invadem-esplanada-veja-video.html>. Acesso em: 23 mai 2023.

MENDONÇA, Marina Célia. O enunciado concreto como um todo de sentido: considerações sobre o conceito de enunciado na perspectiva do Círculo de Bakhtin. In: CRISTOVÃO, Assunção; LUDOVICE, Camila de Araújo Beraldo; BORGES, Marilurdes Cruz. (orgs.). **GEBGE em ação** - olhares sobre textos e discursos na perspectiva bakhtiniana. Franca: Ribeirão Gráfica Editora, 2022, p. 31-46.

MIOTELLO, Valdemir. Ideologia. In: BRAIT, Beth. **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2006, p. 167 - 176.

PIOVEZANI, Carlos; GENTILE, Emilio. **A linguagem fascista**. 1. ed. São Paulo: Hedra, 2020.

ROCHA, J. C. de C. **Guerra cultural e retórica do ódio**: crônicas de um Brasil pós-político. Goiânia: Editora & Livraria Caminhos, 2021. 464p

Terroristas bolsonaristas podem ser denunciados por crime de golpe de estado; entenda. **CartaCapital**, Política, 10 jan 2023, Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/terroristas-bolsonaristas-podem-ser-denunciados-por-crime-de-golpe-de-estado-entenda/>. Acesso em: 23 mai 2023.

Urgente: Manifestantes invadem Congresso Nacional. **O Antagonista**, Brasil, São Paulo, 08 jan 2023. Disponível em: <https://oantagonista.uol.com.br/brasil/manifestantes-invadem-congresso-nacional/>. Acesso em: 23 mai 2023.

VOLÓCHINOV, Valentin. **A palavra na vida e a palavra na poesia**. Tradução, Ensaio Introdutório, Glossário e Notas de Sheila V. C. Grillo e Ekaterina V. Américo. 1. ed., 1. reimp. São Paulo: Editora 34, 2019.

VOLÓCHINOV, Valentin. (1929) **Marxismo e filosofia da linguagem. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Tradução, Ensaio Introdutório, Glossário e Notas de Sheila V. C. Grillo e Ekaterina V. Américo. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2021.